

Areias, 15,9,1908

Rangel:

Temos velhas contas a justar. No bilhete em que declinas do cargo de cronista da Ascensão, ha isto: “Não pude ler o *Sur la Pierre Blanche*!”

Não pôde? Impossibilidade material, como olho furado? Proibição da policia? Ou não pudeste ler por inferioridade da obra, ilegibilidade do Anatole France?

Não podendo tomar o “não pude” no primeiro caso, tomei-o no segundo_ e sinceramente desejei que Hercules ressuscitasse para fazer em teu cerebro o que fez nas cavaliças de Augias.

O pobre Anatole nasce com fortes aptidões filosoficas e esteticas; educa-se laboriosamente durante 50 anos de vida europeia; afinal, apura, lapida, as qualidades ingenitas de pensador e artista da expressão; consegue atingir a meta suprema_ varios Everests ainda não atingidos, entre eles o de “associar ás verdades extensas da Ciencia as verdades profundas da Poesia”; escreve o *Le Lys Rouge*, onde bate Dante e Petrarca na descrição do maior amor que jamais existiu; cria um genero em que ele ainda está só, uma arte nova_ a de engastar raios de ironia na gema da forma; eleva o Paradoxo á estratosfera, chega a desvendar o futuro_ e ensina á França o Humor. E quando esse homem alcança o zenite e produz *Sur la Pierre Blanche*, onde, na mais cristalina das linguagens, diz todas as altas ideias que embaraçam as pernas dos Silvios Romeros_ diz ideias que são como o sol de certas manhãs de maio_ tu, Rangel, tu, pulgão verde da roseira literaria, tu, Silverio dos Reis, tu, queijo de Minas, dizes, com onze letras: “não pude le-lo!...”

Candido escreve-me do Egito, montado num camelo junto á Grande Piramide. Veja a maldade! Dar-nos em cima com tumulos de faraós! Mas o Egito dele é um cenario pintado de fotografo de Paris. Percebe-se.

Não te mando parabens pela entrada na maçonaria. Não ha mais sociedades secretas porque não ha mais o que derrubar. Lembras-te da Bucha, na Academia, com todos aqueles panos pretos e caveiras, tibias e cirios? Eu ri-me sem querer. Caveiras, tibias: calcareos inofensivos! E contas que lês Manzoni!... Que estomago, Rangel! Manzoni é polenta cristã demais.

Contes Drôlatiques? Sim, conheço. Balzac é grande em todos os generos_ e igualmente o contrario de Flaubert em todos.

Ando vogando em Anatole, Carlyle e Wells_ este dum terrivel mecanicismo. E tambem ando fazendo alpinismo na Serra da Bocaina_ aprendizagem para a nossa projetada ascensão ás Agulhas Negras.

LOBATO